

# Pesquisa, Tecnologia e Sociedade

## Aula 05

### A Escrita Acadêmica

#### Objetivos Específicos

- Elucidar pontos importantes da escrita acadêmica.

#### Temas

Introdução

1 Por que escrever, por que não escrever? Decálogo do bom escritor (acadêmico)

2 Guia de Normalização do Senac

Considerações finais

Referências

## Introdução

Esta aula tem por objetivo contextualizar a escrita acadêmica e por que escrever, mencionar algumas regras e abordar a estrutura desse tipo de texto. Também vamos entrar em contato com o manual de normas do Senac.

Em outras palavras, vamos dar algumas dicas de redação e estruturação do texto, para você se sentir mais seguro(a) diante a missão de escrever para um público acadêmico, desde o entendido no seu assunto até o leigo. Você não pode partir do pressuposto de que o seu leitor seja tão especialista quanto você, ou mais, no assunto. Aliás, você é, a partir do momento em que fez a delimitação e começou a trabalhar, o único especialista no mundo naquele assunto, pois, como não existem músicas originalmente compostas que sejam iguais, também não existem trabalhos acadêmicos exatamente iguais (a menos que tenha havido plágio, assunto que vamos tratar à parte).

Elucidar pontos importantes da escrita acadêmica é o objetivo deste componente curricular e esta aula se insere ativamente nele.

## 1 Por que escrever, por que não escrever? Decálogo do bom escritor (acadêmico)

Escrever é fácil. Você começa com maiúscula e termina com ponto. No meio você coloca ideias. – Pablo Neruda

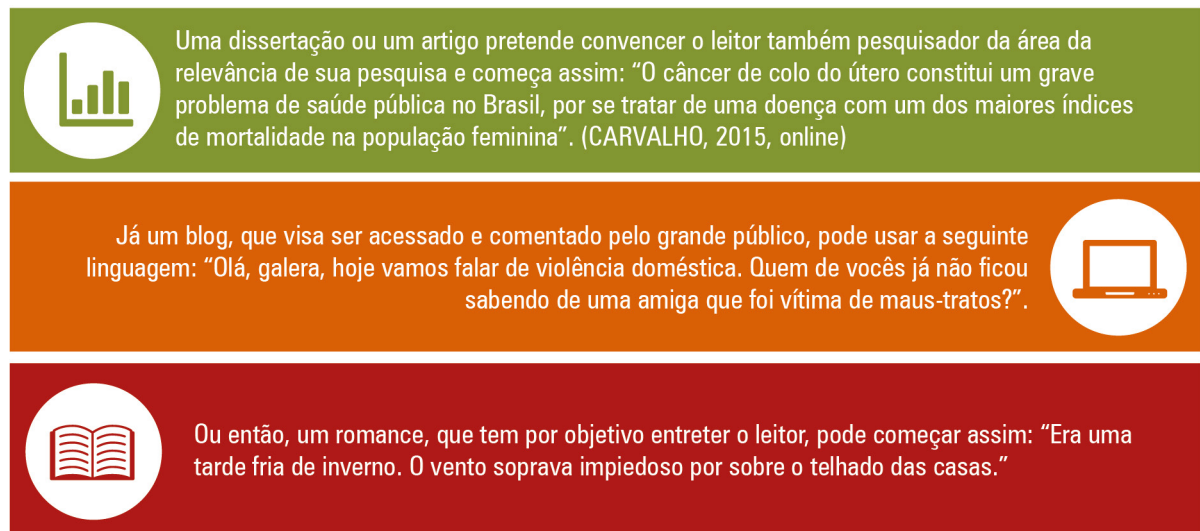
Só um literato experiente como Pablo Neruda poderia formular a frase acima. Escrever nunca foi fácil, desde um simples bilhete até uma tese, nem para ele! Por isso, deve-se interpretar a frase de forma humorística.

Mas por que escrevemos? A menos que seja um diário pessoal ou um caderno de notas de aula ou de lembretes, dificilmente escrevemos para nós mesmos, mas sim para transmitir uma mensagem para alguém. Em outras palavras, escrevemos para nos comunicar. E podemos fazer isso de formas diversas, mais ou menos adequadas. Se o objetivo é que a mensagem atinja o interlocutor e ele reaja ao que foi comunicado, esse objetivo pode ou não ser alcançado, entanto há métodos e técnicas para potencializar seu alcance.

O primeiro aspecto a ser observado é a adequação da linguagem. O uso adequado da linguagem é semelhante ao uso adequado de vestimentas. Cada ocasião tem as suas recomendações. Por exemplo, em uma festa de gala, espera-se que você coloque um traje adequado para o tipo de evento, caso contrário você acabará destoando dos demais convidados.

O mesmo acontece com a escrita. Quando se escreve uma carta, uma receita de culinária, um blog, usa-se uma linguagem, mas quando se vai escrever um artigo, uma monografia, dissertação ou tese, se trabalha com outro gênero com recomendações muito claras a serem seguidas. A forma de escrever depende muito dos objetivos do que você quer escrever:

Figura 1 – A forma e a finalidade



Vamos iniciar nos referindo a um decálogo da boa redação, escrito já há algum tempo, no fim dos anos de 1940, por um especialista em língua inglesa, tanto na escrita quanto na leitura, Rudolph Flesh, apresentado por Jaime McNutt (1993, p. 39-47). É importante notar que esses dez mandamentos não podem ser levados a rigor em todas as situações de produção acadêmica, pois algumas delas podem ser muito particulares a um curso, a um componente curricular, a uma dinâmica de aprendizagem ou a um evento com objetivo singular. Esse decálogo deve servir, antes de qualquer coisa, para trazer parâmetros sobre condições gerais de escrita acadêmica, mas não se preocupa em esgotar todas as situações possíveis.

O decálogo tem os seguintes mandamentos, que nós vamos adaptar para a escrita acadêmica:

Figura 2 - Os mandamentos do decálogo adaptados para a escrita acadêmica



Fonte: (MCNUTT, 1992, p. 46-47)

Vamos, a seguir, analisar e adaptar cada uma dessas ordenanças para a escrita acadêmica.

## 1.1 Não usarás palavras difíceis.

Ninguém gosta de ter que ler com o dicionário ao lado. É a lei do mínimo esforço. Mas, se for usar uma palavra difícil, use com propriedade. Não adianta querer usar um jargão, que é a linguagem própria de uma área, como a da enfermagem ou do direito, sem dominar o sentido das palavras. Melhor explicar o sentido a usar um termo que poucos conhecem.

Todos queremos escrever bonito e, de certa forma, essa preocupação é boa. Acontece que o primeiro objetivo da escrita, como já dissemos, é a comunicação. Então, não fique floreando, vá direto ao ponto!

Muitas palavras, apesar de serem um pouco mais difíceis e incomuns no cotidiano, conseguem expressar mais diretamente uma ideia. Por isso, muitas vezes o enriquecimento do vocabulário nos ajuda a nos expressar melhor e conseguir ser mais direto em algumas explicações. Um vocabulário rico consegue maiores possibilidades de reflexões e comunicação. Mas é claro que isso deve ser feito com muito cuidado para que alguns usos não compliquem mais do que facilitem, como dissemos.

### Para saber mais

Conheça alguns exemplos de escrita jurídica que acabam adotando escritas altamente complexas. Visite a Midiateca da disciplina para saber mais.

Por outro lado, a escrita acadêmica também deve usar os termos técnicos da área, para que os interlocutores, por exemplo o professor que avaliará o trabalho, um parecerista que analisará o artigo, o público de um congresso ou seminário, seu orientador de monografia ou a banca de defesa, percebam que você os domina. Então, uma saída para unir o linguajar técnico – que serve para facilitar a comunicação, já que muitas palavras são tão naturais à área que são interpretadas e entendidas quase que automaticamente – com o respeito ao leitor é usar notas de rodapé explicativas da terminologia específica, ou, o que dá um pouco mais de trabalho, elaborar um glossário no final do texto.

## 1.2 Não escreverás frases longas.

Novamente temos aqui a lei do mínimo esforço. Uma frase muito longa tende a fazer o leitor perder o fio da meada e, assim, distrair-se com outros pensamentos. A distração da parte do leitor deve ser tão combatida pelo escritor quanto a falta de atenção em uma aula. Da mesma forma como o professor tem que fazer malabarismos para prender a atenção do aluno, o escritor deve prender a atenção do leitor, e isso do começo ao fim da leitura.

Uma frase não deve ter mais de doze ou treze palavras em média, e deve-se evitar ao máximo aquelas com 30 a 40 palavras. É claro que isso é mais perdoável em uma tese do que em um romance ou texto de jornal. As sentenças intermináveis podem ser sinal de prolixidade, ou seja, de falar em demasia, sem ter muito o que dizer em essência, podendo indicar falta de objetividade e até de humildade, quando se quer impressionar com a efusão de palavras.

### Na prática



Vejamos um exemplo de como uma frase longa pode ser reduzida, eliminando-se conjunções e orações subordinadas e criando novas frases:

Mesmo fervedas diariamente, as lentes de contato gelatinosas ficam impregnadas de sujeira, o que pode até causar conjuntivite, mas, desde o começo do ano, os míopes da Califórnia podem resolver o problema jogando as lentes no lixo pois lá acabam de ser lançadas lentes descartáveis que custam apenas 2,5 dólares cada, que só em julho estarão disponíveis em toda parte dos Estados Unidos.

Veja como fica melhor: “Mesmo fervedas diariamente, as lentes de contato gelatinosas ficam impregnadas de sujeira, o que pode até causar conjuntivite. Desde o começo do ano, porém, os míopes da Califórnia podem resolver o problema – jogando as lentes no lixo. Pois lá acabam de ser lançadas lentes descartáveis que custam apenas 2,5 dólares cada. Em julho, a novidade estará disponível em toda parte dos Estados Unidos”. (PACHECO, 1988, p. 68)

Note que o segundo texto quebrou a frase extensa em diversas frases menores, evitando os conectivos “que”, usados para atrelar uma frase a outra, e usando outros conectivos como, “porém”, e, “pois”, para fazer a ponte entre as frases.

## 1.3 Lembra-te das palavras pessoais.

Há uma diferença enorme entre o texto popular e o acadêmico. O popular tem que ganhar intimidade com o seu público, já o acadêmico caracteriza-se pelo distanciamento e o esforço por objetividade e certa neutralidade (mesmo que no limite, seja impossível).

A grande maioria dos livros de metodologia da pesquisa e redação acadêmica recomendam que se elimine o uso do “eu”, do “nós” e de verbos formulados na primeira pessoa do singular ou do plural, sugerindo a adoção da terceira pessoa do singular: “ele”, “ela” (a pesquisa, o autor, o experimento). Ou seja, deve-se usar uma linguagem descritiva e menos subjetiva possível.

Um truque que se pode usar para evitar o uso da primeira pessoa é o uso do “se”. Em vez de “Nessa pesquisa verificamos que...”, deve-se usar a partícula apassivadora e o índice de indeterminação do sujeito: “Nessa pesquisa verificou-se que...”. Assim, a linguagem fica neutra e o sujeito, indeterminado.

## 1.4 Não usarás frases pessoais.

Outro ponto totalmente oposto entre o texto popular e o texto acadêmico são frases pessoais, como “eu acho que...”, que são terminantemente proibidas, também chamadas de “achismos”. O mesmo vale para o dirigir-se diretamente ao leitor. Como já comentávamos no ponto anterior, é preciso manter certa neutralidade na escrita (já que, como vimos, a rigor ela é impossível de ser totalmente atingida).

## 1.5 Não usarás muitos adjetivos.

Esse é um princípio muito válido e importante para a escrita acadêmica. Nem adjetivos, nem muito menos advérbios, como todas aquelas palavras terminadas em “mente”: “infelizmente”, “finalmente”, “adequadamente”, etc. Lembramos que, como a raiz das palavras indica, adjetivos são qualitativos dos substantivos, e advérbios são os qualitativos de verbos. E o sufixo “ad” significa “que acompanha”, como em “adjacente”. O problema é que a maioria dos qualitativos são subjetivos e, portanto, relativos. Então, em vez de afirmar “o resultado foi muito (advérbio) satisfatório (adjetivo)”, afirme-se “o resultado foi acima da média”, dando preferência a demonstrar (com números) essa satisfação. Esse esforço é devido à necessidade de se evitar subjetividades, mas isso, repita-se, não torna a escrita absolutamente neutra e impessoal.

O que se deve evitar acima de tudo são advérbios absolutos, como “sempre”, “nunca”, “indubitavelmente” ou “sem dúvida”, “é certo que”, etc., pois os absolutos são muito raros e não é nossa tarefa, enquanto estudantes e pesquisadores, defendê-los. Além disso, esse tipo de palavra cria generalizações que não combinam com a escrita acadêmica.

Figura 3 – As tábuas dos dez mandamentos



## 1.6 Não usarás verbos fracos.

Por verbos fracos se entende “ser, estar, fazer, falar”. Esses verbos são tão usados na linguagem cotidiana e corriqueira que estão bastante desgastados. Por exemplo, eu posso

usar as palavras “esse trabalho está centrado no tema X.” ou “Esse trabalho centra-se no tema X”. A segunda opção é bem mais elegante, por não usar o verbo de ligação, que torna a frase mais corriqueira e menos rebuscada. Posso dizer “a pesquisa está fazendo um levantamento” ou “a pesquisa aplica o levantamento”. Além do fato de a palavra “aplica” ser menos usual e desgastada, temos aqui o problema do gerundismo, ou uso indevido do gerúndio (“estar fazendo”), que abordaremos mais adiante. Para substituir essas palavras, deve-se perguntar sobre as circunstâncias em que a pessoa está, faz ou fala essa coisa expressa com verbo fraco.

### Na prática



O exemplo usado por McNutt (1992, p. 43) como construção fraca é: “ele foi para casa muito cansado.” Para evitar esse tipo de construção, ele sugere que se pergunte: “como foi para casa?”, o que ocasiona a construção melhor: “ele arrastou-se para casa”.

Outro exemplo de uso de verbo fraco é o gerundismo: “Nessa pesquisa vai-se estar falando de...”, “A pesquisa vai estar atentando para...”. Além de usar o verbo fraco, usa uma construção que vem do inglês e é totalmente artificial no português: “*We’re going to do...*” (Vamos estar fazendo...).

O “gerundismo” não configura apenas mau uso da norma culta, mas também deixar de usar a construção mais rica em possibilidades e sentidos. Muitas vezes o mau uso do gerúndio reflete ações mal ou não concluídas, o que pode, de certa forma, expressar displicência ou falta de compromisso com a conclusão das ações.

Essas expressões são muito usadas em áreas com grande influência americana, como a administração e o marketing (clássico), o que também pode demonstrar falta de crítica ao se apropriar de ideias, expressões e técnicas estrangeiras.

## 1.7 Evitarás figuras de linguagem.

As figuras de linguagem, ou seja, o uso de analogias para elucidar uma ideia, particularmente as metáforas, são muito úteis para que o leitor crie uma imagem mental que o ajude a entender o que está sendo dito. Exemplo: “Ele me olhou como um cachorrinho abandonado”.

Mas, como tudo em linguagem, há um limite. O uso de figuras de linguagem se adequa mais à linguagem poética e narrativa do que à linguagem científica. Não vou escrever, num trabalho acadêmico, que a sala estava cheia “feito um céu estrelado”. Basta escrever que ela estava cheia. Em um trabalho acadêmico, privilegia-se a linguagem objetiva, sendo que a metáfora e a analogia só são usadas quando se tornam necessárias para a melhor compreensão de algum conceito ou fenômeno.

## 1.8 Não usarás chavões.

Esse ponto é crucial na escrita acadêmica. É preciso evitar ao máximo o uso de frases feitas, lugares comuns, provérbios inadequados ou clichês, como “a união faz a força” ou “continuemos buscando a paz mundial”.

McNutt (1992) usa o seguinte exemplo:

Eles sabem que se encontraram na presença de um homem que mata a cobra e mostra o pau, não bate prego sem estopa e não enche língua; um homem que quer dizer negócios, um homem que tem os pés no chão e conhece o jogo, completamente consciente de que, apesar de não podermos descansar em nossos louros, não devemos meter o bedelho onde os anjos têm medo de cair.

É claro que ninguém com um mínimo de bom senso escreveria assim em um trabalho acadêmico, mas o exemplo serve de alerta até para ocorrências mais amenas.

## 1.9 Eliminarás palavras desnecessárias.

Vale aqui a lei da parcimônia ou economia, que é uma norma para a vida. Com palavras não deve ser diferente.

McNutt (1992) dá os seguintes exemplos de correção de texto:

ambos ~~os dois~~  
~~no ano de~~ em 1989  
~~cadáver do~~ morto  
~~cidade de~~ São Paulo  
~~completamente~~ decapitado  
~~de comum~~ acordo  
~~de forma~~ quadrangular  
~~de grande tamanho~~  
~~completamente~~ morto  
~~fatos verdadeiros~~  
 história ~~passada~~

## 1.10 Não cobiçarás parágrafos compridos.

McNutt (1992) cita o *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* para recomendar que se usem no máximo cinco a seis linhas de 25 a 30 palavras e de forma ideal quatro a seis linhas de 60 caracteres. Lembramos ainda que um parágrafo é o desenvolvimento de uma ideia só (e não mais) e que se deve mudá-lo quando se parte para outra ideia.



A recomendação ou ordem final é: revisar, revisar e revisar, pois isso mostra respeito e amor pelo leitor, que se sente valorizado quando está diante de um texto bem aquilatado. Ele, por sua vez, se sente menosprezado ou subestimado quando lê um texto que foi apenas jogado de qualquer forma no papel, o que não é prova de talento nato, mas de falta de humanismo e respeito ao próximo.

Poderíamos acrescentar os seguintes mandamentos:

- 1. Não repetirás palavras ou expressões na mesma frase, parágrafo ou no início de um parágrafo e no parágrafo seguinte.** Essa é uma recomendação de estilo muito importante. Há formulações que são muito repetidas nos textos acadêmicos, como quando se quer citar determinado autor ou autores, é um festival de “De acordo com X...”, “Para Y...”, “Segundo Z...”, quando se pode substituir essas frases feitas por “As pesquisas de X têm apontado para...”; “Na perspectiva de Y...”; “No entender de Z...”, etc.
- 2. Seja breve e conciso.** Ninguém gosta que se fale demais para dizer de menos. Usando um chavão, trata-se da famosa “encheção de linguiça”. E a melhor forma de evitá-la é ter conteúdo, ou seja, ter coisas relevantes a dizer.
- 3. Evite linguagem apelativo.** Não use “é óbvio que” ou pior: “eu não disse?”. Mostre a evidência não a partir do apelo afirmativo, mas da argumentação ou dos dados colhidos na pesquisa.
- 4. Não economize nos exemplos.** Da mesma forma como são permitidas, em casos excepcionais, metáforas e analogias, desde que sirvam à clareza do texto, também os exemplos podem clarear muito determinado conceito ou fenômeno que se queira explicar. E o ideal é que eles sejam claros, objetivos e apropriados para ilustrar o conceito ou fenômeno em questão.
- 5. Ilustrações e tabelas também são bem-vindas.** Outro recurso importante para se tornar o texto mais claro é o recurso a ilustrações, que podem ser figuras, quadros, gráficos, fotos e qualquer tipo de imagem; e a tabelas, que são informações de leitura horizontal e vertical combinadas, em que predominam números. Mas também nisso é importante não exagerar e usar de parcimônia.
- 6. Seja claro.** A clareza é um ideal a ser perseguido por todo aquele que queira escrever de forma acadêmica. Lembre-se, se uma ideia não está clara para você, não espere que você consiga torná-la clara ao leitor.

Como conclui resumidamente Pereira (2013) no seu interessante artigo sobre a escrita acadêmica, o importante nesse tipo de discurso escrito (além de outras características que me ocorrem como o encadeamento de ideias e a organização hierárquicos; fundamentação e ilustração de ideias; clareza; unidade; coerência e ênfase) é o equilíbrio e a moderação:

Se queremos escapar dos exageros, não se trata de perseguir os exageradores cometendo novos abusos e exageros por patrulhamento, controle e perseguição. O que postulo não é que se coíba o uso de metáforas ou de certos vocabulários ou certos estilos na escrita acadêmica. O que postulo é que se empreguem as metáforas, os vocabulários e os estilos com rigor, honestidade e responsabilidade. Que o razoável se produza como efeito de um exercício maduro de negociação. Negociação de significados, negociação de sentidos e negociação de estilos. (PEREIRA, 2013, p. 213)

## 2 Guia de Normalização do Senac

Nesta parte da aula, vamos apresentar formalmente o guia de normalização do Senac, o manual que você deverá ter sempre à mão enquanto se dedica aos estudos, para tirar dúvidas, principalmente no registro de suas leituras. O objetivo é que você possa proceder da maneira certa desde o começo, o que faz parte de uma metodologia de estudo eficiente.

Lembramos que não se trata de uma norma a mais em relação à ABNT, mas de um resumo das principais regras junto com um detalhamento ou aplicação feita ao caso específico do Senac, que é coerente com a norma padrão da língua. É preciso observar que além dessas normas gerais, válidas para todos, cada instituição de ensino superior (IES) tem as suas, que devem ser respeitadas para manter o padrão e a identidade acadêmica, inclusive visual, dela.

Tal identidade é muito importante para a vida acadêmica, a coerência com o projeto pedagógico, as avaliações externas e internas da IES e inclusive a motivação do acadêmico para os estudos, pois faz com que ele tenha um sentimento de pertença a um todo estruturado, com a reputação do Senac, e queira dar a sua contribuição para a instituição.

**Figura 4 – Motivação para o estudo**



O livro de Linda G. Reis, *Produção de monografia: da teoria à prática*, publicação do Senac Distrito Federal, traz toda a filosofia por trás das normas, o método educar pela pesquisa (MEP), uma nova forma de ministrar a disciplina que em outras IES geralmente é denominada metodologia da pesquisa. No caso do Senac essa metodologia é ministrada por etapas, ou seja é realizada gradualmente, e de forma multi e transdisciplinar, isto é, ministrada para os vários cursos de forma transversal e interdisciplinar. Assim é possível fazer as disciplinas dialogarem entre si, para se chegar ao duplo objetivo de educar para a pesquisa e pesquisar para enriquecer a formação.

A abordagem interdisciplinar proposta pelo MEP procura superar a lógica dominante **do ensino convencional da Metodologia da Pesquisa**, na qual o conteúdo programático é ministrado de forma independente e desconectado das outras disciplinas cursadas pelo aluno no curso superior... A prática pedagógica ministrada pelo processo multidisciplinar de pesquisa, estimulada pelo MEP, é viabilizada quando cada uma das disciplinas envolvidas usa seus próprios conceitos e métodos. Nesse processo, o objetivo principal da pesquisa se mantém o mesmo, mas os resultados obtidos com a análise bibliográfica podem ser interpretados separadamente de acordo com o objeto de estudo escolhido pelo aluno. (REIS, 2015, p. 70, grifo da autora)

Em outras palavras, em vez de ser uma disciplina separada das demais, a de “Pesquisa, Tecnologia e Sociedade” tem um caráter inter-relacionado com todas as outras, e seu princípio e metodologia, tanto da prática de pesquisa quanto da prática pedagógica de sala de aula, perfazem uma verdadeira filosofia da educação, com a cara do Senac. Com suas dicas de como elaborar cada parte do trabalho exigida pelo guia de normalização e exemplos valiosos, o livro de Reis é uma complementação essencial para o guia.

Na introdução, o guia traz o fluxograma de entrega de todo tipo de trabalho acadêmico, desde monografias até artigos científicos. Depois temos os objetivos do material, a estrutura dos trabalhos acadêmicos, dicas quanto ao formato e configuração dos textos, formas de citação e um capítulo especial para as referências, com vários exemplos para facilitar a compreensão. Há ainda um modelo muito útil no anexo.

Até aqui você pôde já notar as diferenças enormes que existem entre um texto escrito com finalidade acadêmica e outro de cunho mais popular, que estão não apenas no cumprimento e respeito às normas, mas no espírito da coisa.

#### Para saber mais



Porém, a fim de deixar ainda mais clara essa diferença, separamos para você dois exemplos de textos que fazem esse contraste ficar ainda mais nítido. Visite a Mideoteca da disciplina para ter acesso a vários links interessantes sobre o tema que tratamos nesta aula!

## Considerações finais

De início, acreditamos que nesta aula demos dicas valiosas quanto ao que se deve evitar na escrita acadêmica.

Também lhe apresentamos o guia de normalização do Senac, que traz importantes normas da ABNT aplicadas ao caso específico do Senac, que é uma IES com identidade acadêmica própria. Isso certamente o(a) motivará para o estudo, dando-lhe o sentimento de pertença e despertando o desejo de participar ativamente dessa instituição tão reconhecida, dando-lhe a sua contribuição.

## Referências

AFONSO, Filipa. A beleza no ritmo pseudo-dionisiano da processão/conversão. **Trans/Form/Ação**, v. 33, n. 2, p. 1-10., 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732010000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732010000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 4 nov. 2015.

CARVALHO, Maria Cristina de Melo Pessanha; QUEIROZ, Ana Beatriz Azevedo e FERREIRA, Márcia de Assunção. Representações sociais de mulheres em idade reprodutiva sobre lesões precursoras do câncer cervicouterino. **Texto Contexto – Enferm**, Florianópolis, v. 22, n. 4, p. 943-951, out./ dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n4/10.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2015.

D'AGOSTINO, Mário Henrique Simão. A arquitetura, o corpo e o espelho sobre a beleza e o tempo na arte do Renascimento e em nossos dias. **Tempo Social**, v. 15, n.1, p. 113-137, abr. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702003000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 4 nov. 2015.

FELICIANO, Rosi. 27 remédios caseiros para CALOS na Mão e PÉ. **Beleza Blog.br**, [s.d.]. Disponível em: <<http://beleza.blog.br/beleza-estetica/1714-27-incriveis-remedios-caseiros-para-calos-na-mao-e-pe>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

GOMES, Luiz Flávio. Réplica, data máxima vênica, ao artigo “Adote um bandido!”. **Portal JusBrasil**, 7 fev. 2014. Disponível em: <<http://valdeck1.jusbrasil.com.br/artigos/112814297/replica-data-maxima-venia-ao-artigo-adote-um-bandido-do-professor-luiz-flavio-gomes>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. Interceptação telefônica para fins civis: ilegalidade e inconstitucionalidade. **Portal JusBrasil**, 14 set. 2011. Disponível em: <<http://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/121924744/interceptacao-telefonica-para-fins-civis-ilegalidade-e-inconstitucionalidade>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

MARQUES, Alberto José. A cobrança pelo uso do bem público à luz da legislação brasileira. **Portal JusBrasil**, 30 abr. 2011. Disponível em: <<http://allyssonlima.jusbrasil.com.br/artigos/111574667/a-cobranca-pelo-uso-do-bem-publico-a-luz-da-legislacao-brasileira>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

MCNUTT, Jaime. **Escreva a visão**. São Paulo: Mundo Cristão, 1992

O Povo. **Portal o Povo Online**. Disponível em: <<http://blog.opovo.com.br/beleza/>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

SUAREZ, Maribel Carvalho; CASOTTI, Letícia Moreira; ALMEIDA, Victor Manoel Cunha de. Beleza natural: crescendo na base da pirâmide. **Revista de administração contemporânea**, v. 12, n. 2, p. 555-574, abr./jun. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-65552008000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552008000200012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 4 nov. 2015.

PACHECO, Agnelo de Carvalho. **A dissertação: teoria e prática**. São Paulo: Atual, 1988 (Tópicos de Linguagem: Redação).

PEREIRA, Marcos Villela. A escrita acadêmica: do excessivo ao razoável. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, v. 18, n. 52, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n52/13.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

REIS, Linda G. **Produção de monografia: da teoria à prática**. 5. ed. Distrito Federal: Senac Distrito Federal, 2015.

Rede de Bibliotecas do Senac São Paulo (Org.). **Guia de normalização de monografias, teses dissertações para alunos do Centro Universitário Senac**. [online]. ed. 3. São Paulo: Centro Universitário Senac, 2014. Disponível em: <[http://www3.sp.senac.br/hotsites/campus\\_santoamaro/cd/arquivos/biblioteca/guia\\_normatizacao.pdf](http://www3.sp.senac.br/hotsites/campus_santoamaro/cd/arquivos/biblioteca/guia_normatizacao.pdf)>. Acesso em: 28 jul. 2015.